

**NARRATIVAS DE APRENDIZAGEM: OLHARES PLURAIS  
DA VITALIDADE LINGUÍSTICA DO GUARANI**

*Shirlene Bemfica de Oliveira* (IFOP)

[shirlene.o@ifmg.edu.br](mailto:shirlene.o@ifmg.edu.br)

*Francisca Paula Soares Maia* (UNILA)

[fpaolasm@gmail.com](mailto:fpaolasm@gmail.com)

**RESUMO**

“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Ela traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade para o mundo” (THOMPSON, 1992, p. 44). Ao incluir versões silenciadas/esquecidas de grupos sociais marginalizados, a história oral privilegia aquelas histórias, irreconhecíveis como História – que não nos falam de fatos, mas de acontecimentos; que não se constituem em documentos, mas em signos, que não nos apresentam argumentos, mas sentidos (PEREZ, 2003, p. 10). Falar sobre as experiências de aprendizagem de uma língua e do seu uso tornam explícitas as memórias, vivências, impressões, sentimentos dos falantes em relação a essa língua, o que fortalece o vínculo com ela. Durante o processo narrativo, os falantes não guardam todas as nuances do processo vivido na memória, pois seleciona e considera o que é significativo ou não, e o que resulta da relação estabelecida entre o espaço e o tempo da experiência. A história de cada um de nós contém a história de um tempo, dos grupos a que pertencemos e das pessoas com as quais nos relacionamos. O objetivo desta pesquisa é investigar e analisar narrativas escritas da aprendizagem e do uso da língua guarani. A investigação tem como epicentro as pessoas, suas histórias, vivências, impressões, acompanhadas de suas aprendizagens do e no aprendizado e uso da língua. A metodologia de coleta e análise se pauta pelo uso de narrativas. A pesquisa narrativa é entendida como uma ferramenta metodológica que possibilita a compreensão da experiência humana (SAHAGOFF, 2015, p. 1). Ela nos possibilita observar algumas dimensões do aprendizado da língua, do mundo em que os participantes vivem e usam essa língua e como os sentidos são construídos por eles em relação a sua vida e a sua língua guarani. O foco do trabalho é na constituição da memória dos processos de aprendizagem, como uma ferramenta da comunicação, cujo potencial está no fortalecimento da língua e no empoderamento dos seus falantes. Os dados foram coletados por meio de um questionário inicial e uma entrevista na UNILA com aprendizes do guarani. Os resultados ou desfechos deste e de outros estudos anteriores apontam que a língua guarani se mantém viva e em uso por influência de fatores pessoais e sociais, tais como a atitude linguística, a preservação da identidade étnica, a transmissão intergeracional, a mobilidade social e o apoio institucional (CALAZANS, 2014; VILLALVA FILHO, 2020).

**Palavras-chave:**

Língua guarani. Vitalidade linguística. Narrativa das memórias.

ABSTRACT

“Oral history is a history constructed around people. It brings life into history itself, thereby broadening its scope. It brings history into the community and extracts it from within to the world” (THOMPSON, 1992, p. 44). By including silenced/forgotten versions from marginalized social groups, oral history privileges those stories that are unrecognized as History – they do not speak to us about facts but about events; they do not constitute documents but signs, and they do not present arguments but meanings (PEREZ, 2003, p. 10). Discussing language learning experiences and their use makes the speakers’ memories, experiences, impressions, and feelings regarding that language explicit, strengthening their connection. During the narrative process, speakers do not retain all the nuances of the lived experience in memory, as they select and consider what is significant and what results from the relationship established between the space and time of the experience. Each of our stories contains the history of a time, the groups to which we belong, and the people with whom we interact. This research aims to investigate and analyse written narratives of learning and using the Guarani language. The investigation focuses on people, their stories, experiences, and impressions, along with their learning and use of the language. The data collection and analysis are based on the use of narratives. Narrative research is a methodological tool for understanding human experience (SAHAGOFF, 2015, p. 1). It enables us to observe some dimensions of language learning, the world where participants live and use this language, and how meanings are constructed about their lives and the Guarani language. The work focuses on the formation of memory regarding the learning processes as a communication tool, with its potential to strengthen the language and empower its speakers. Data were collected through an initial questionnaire and an interview at UNILA with Guarani learners. The results or outcomes of this and other previous studies indicate that the Guarani language remains alive and in use due to personal and social factors, such as linguistic attitude, preservation of ethnic identity, intergenerational transmission, social mobility, and institutional support (CALAZANS, 2014; VILLALVA FILHO, 2020).

**Keywords:**

Guarani language. Linguistic vitality Memory narratives.

## **1. Introdução**

Vivemos em um país com a extensão de 8.516.000 km<sup>2</sup> e uma população de 212,6 milhões de habitantes e nesse contexto temos como língua oficial o português brasileiro que é considerado a língua que confere unidade linguística ao Brasil. Mas, além do português, temos aproximadamente 210 línguas minoritárias que são pouco conhecidas pelos não falantes, o que espelha, segundo Calazans (2014), uma pluralidade linguística velada que se deve, em grande parte, ao processo de colonização pelo qual passamos. Além disso, os dados do censo apontam 274 línguas indígenas faladas no país por 305 etnias diferentes, o que amplia o escopo de línguas e de diversidade cultural em solo nacional (IBGE, 2010).

Se analisarmos um contexto mais amplo de diversidade linguística, encontraremos a língua guarani: uma língua originária, viva e majoritariamente falada na América do Sul (Cf. VILLALVA FILHO, 2020). Ela é encontrada, segundo o autor, tanto na Argentina, Bolívia, Paraguai, no Brasil, especialmente no Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Em muitos desses territórios, o guarani é considerado uma língua oficial e no MERCOSUL foi declarada “língua histórica” e desde 2015 como língua de trabalho no PARLASUL (Cf. VILLALVA FILHO, 2020, p. 68).

Historicamente, a “Nação Guarani” teve o seu “território” dividido com a formação dos vários países e atualmente, segundo o autor supracitado, essa língua tem se mantido em todos esses países, apesar dos sinais de mistura com as outras línguas de contato e vem se adaptando à contemporaneidade por meio da adoção da escrita e de sua incursão no mundo das novas tecnologias e por influência de fatores pessoais e sociais, tais como a atitude linguística, a preservação da identidade étnica, a transmissão intergeracional, mobilidade social e apoio institucional (Cf. CALAZANS, 2014; VILLALVA FILHO, 2020; LOPES, 2022) .

No contexto brasileiro, além dos fatores mencionados anteriormente, Calazans (2014, p. 08) aponta a espiritualidade da cultura guarani como ponto de preservação. Segundo ela, apesar do contato com outras línguas, os falantes do guarani mantêm sua língua materna por orgulho e por lealdade - ainda que estigmatizada devido à forte religiosidade que norteia todo o seu modo de vida. Ademais, os falantes nativos do guarani entendem a palavra como um dom e conferem a ela um poder mítico de contato com a espiritualidade, o que ao mesmo tempo confere extrema importância à língua minoritária, o que favorece a sua preservação, enquanto marca da identidade de seus falantes (LOPES, 2022).

Para Villalva Filho (2020), o guarani é para além de uma língua de comunicação, é também um instrumento de resistência e luta. Resistência entre os povos latino-americanos, e de quebra de fronteiras que possibilita o resgate cultural e identitário de seus falantes e aprendizes em um processo constante de reconstituição de sua memória na/pela língua (Cf. VILLALVA FILHO, 2020, p. 193). Para o autor, por ser uma língua viva em várias partes dos estados nacionais, o guarani precisa ser considerado de forma equânime como as línguas de origem europeia, e é necessário um maior apoio aos defensores e falantes do guarani (povos originários ou não). Além disso, como apontam Pierri e Calazans (2022) ainda são necessários estudos que considerem o guarani como língua viva, falada em

espaços de vida, com objetivos também de produção de conhecimento. Para esses autores, esses estudos devem descrever e analisar as visões de mundo dos falantes do guarani para entender as nuances do discurso do falante nativo e do aprendiz, e as formas de expressão de como as coisas vieram a ser como são e para isso, o uso de uma metodologia que deixe os interlocutores falarem sobre suas experiências com a língua por meio de suas narrativas de aprendizagem e de uso em suas comunidades são essenciais (Cf. PIERRI; CALAZANS, 2022).

Esta investigação traz nesta proposta os pressupostos da Sociolinguística enquanto elementos de análise constituintes das línguas, das culturas, das identidades e das instituições. Este artigo, recorte de uma pesquisa narrativa, analisa os movimentos discursivos em que os participantes falantes e aprendizes do guarani, tratam dos processos de aprendizagem da língua, discutem os desafios do uso da língua no contexto escolar e na comunidade e apontam fatores implícitos ao processo de visibilidade e invisibilidade da língua guarani no contexto local.

## **2. Sociolinguística**

Uma perspectiva adotada nesta pesquisa é a Sociolinguística que estuda as relações entre as línguas e os grupos sociais falantes dessas línguas. Segundo Peres *et al.* (2018, p. 91), os estudos sociolinguísticos geralmente sistematizam a heterogeneidade inerente às línguas naturais possibilitando o registro da mudança em progresso de fenômenos linguísticos. Este estudo não pretende descrever as nuances linguísticas do guarani, mas pretende entender como fatores de natureza extralinguísticas, tais como faixa etária, o sexo, a classe social, o nível de escolaridade do falante, bem como os diferentes tipos de registro de sua fala perpassam suas narrativas de aprendizagem e de uso da língua, o que também interessa aos estudos sociolinguísticos (Cf. LABOV, 2001). Nos estudos sociolinguísticos é importante que os pesquisadores conheçam a comunidade estudada, a fim de que ele possa atribuir significado aos resultados da investigação.

Aos sociolinguistas interessam os dados de fala casuais dos participantes com o menor monitoramento possível. Outro interesse da área da Sociolinguística é o contato linguístico entre o guarani e o português. Neste estudo não se pretende investigar as consequências linguísticas do contato entre as línguas, mas os fatores que podem levar ao uso de uma língua ou outra e os fatores que levam à vitalidade, manutenção ou à substituição da língua minoritária. Fatores como casamentos intra/interétnicos,

o isolamento geográfico da comunidade (ou não), o caráter temporário da imigração, as atitudes da comunidade para com sua cultura e sua língua, as políticas linguísticas que atuam para a preservação ou para o abandono da língua minoritária, etc. (Cf. PERES *et al.*, 2018).

A pesquisa em tela tem por proposta contribuir para a construção da memória dos processos de aprendizagem por meio de uma parceria interinstitucional com o Instituto Federal de Minas Gerais – *campus* Ouro Preto e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA – onde parte dos dados foi coletada. Este estudo discorre sobre o entendimento das narrativas de aprendizagem escritas de falantes nativos e aprendizes do guarani. A compreensão desses textos pode permitir a tomada de consciência da trajetória acadêmica e histórica dessas pessoas enquanto indivíduos que se constituíram na coletividade, das conquistas, dos desafios, das contradições e desigualdades, sobretudo através do conhecimento do outro (Cf. OLIVEIRA *et al.*, 2022).

Para tal percurso, foram analisadas as narrativas construídas pelos participantes, na tentativa de dar-lhes sentido, de modo a contribuir para a consolidação de um sentimento de unidade e pertencimento que é fundamental para o crescimento e longevidade do grupo social. Para Oliveira (2019), estudar a história das pessoas, dos lugares e de seus processos de aprendizagem é importante para compreensão do passado, do presente, e para dimensionar os desafios que se impõem ao futuro. Segundo o autor, sem o registro do que passou, tudo o que foi vivido e construído está fadado ao esquecimento.

Além disso, os registros e documentos facilitam o entendimento de processos de diversos âmbitos que fazem ponte com o presente. Oliveira (2019) afirma que por meio da reconstrução da memória é possível repensar a história e tê-la como um instrumento de transformação e de ressignificação das identidades. As narrativas, segundo o autor, indicam a direção e oferecem informações necessárias para nortear as ações pedagógicas. Além disso, segundo ele, as narrativas têm ainda o poder de valorizar, preservar e organizar as raízes históricas, tornando cada dia mais importante estrategicamente. E isso usualmente implica também em localizar mecanismos de difusão da memória, de maneira a criar valor para a língua e para aqueles que integram a comunidade falante (Cf. OLIVEIRA, 2019). Nesta pesquisa, há a oportunidade de construção de uma identidade coletiva por meio da língua, especialmente em uma sociedade. Reside aí, portanto, a justificativa para a proposição aqui apresentada. A escolha pela análise do que denominamos “discurso”.

### 3. Metodologia

Este estudo se constitui em uma pesquisa narrativa com análises qualitativas. A seguir serão explicitadas as características da natureza desta pesquisa, os instrumentos de coleta, bem como os critérios de análise dos dados.

#### 3.1. Pesquisa narrativa:

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana por meio das histórias vividas e contadas, pois esse processo dinâmico de reviver e recontar histórias serve para interligar o processo de educação e de vivência (Cf. CLANDININ; CONNELLY, 2011, SAHAGOFF, 2015). Para os autores, nos momentos narrativos, os participantes se educam, reafirmam, modificam-se e criam novas histórias que podem servir de instrumentos para educar aos outros. De acordo com Sahagoff (2015), pesquisas narrativas tratam de conceitos, tais como os relatos de experiência, a interação entre o pessoal e o social, a relação entre tempo e espaço, a subjetividade dos indivíduos, que estão sempre em interação e sempre inseridas em um contexto social (Cf. SAHAGOFF, 2015, p. 3). Para a autora, esse conjunto de termos forma um espaço tridimensional para a investigação narrativa, conforme mostra a figura 1:

Figura 1: Espaço tridimensional para análise das narrativas



Fonte: Adaptado de Clandinin; Connelly, 2011 e Sahagoff, 2015

Nesta pesquisa, na análise dos textos dos falantes e aprendizes do guarani são consideradas as condições pessoais que incluem seus

sentimentos, emoções, desejos, reações, estéticas e disposição moral. Essas condições são articuladas e impactadas por diversas variáveis e podem desvendar processos de visibilidade e/ou invisibilidade que tocam nas condições existenciais, que podem exercer forças subjacentes e afetar as pessoas e os espaços de atuação do contexto dos indivíduos. Por meio das análises das narrativas, segundo Sahagoff (2015, p. 4), a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e essas experiências levam a outras experiências. “A experiência acontece narrativamente”.

### **3.2. Participantes**

O estudo foi desenvolvido contando com a participação de 10 estudantes da UNILA sendo 5 falantes nativos do guarani e 5 estudantes aprendizes do guarani estudantes da disciplina Terceira Margem: Guarani II do curso de Mediação Cultural, Artes e Letras da UNILA. Além disso, os participantes foram matriculados na disciplina ‘Português como Língua Adicional e Estrangeira com embasamento variacionista’, do Curso de Letras, que é oferecida todos os anos no Curso de Graduação em Letras. Como o número de participantes aptos ao estudo foi maior que o estabelecido para a investigação, foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: estudantes mais velhos e com mais tempo no curso de graduação. Com esses dois critérios de exclusão aplicados, tornou-se possível mapear os desafios da população mais jovem que usa o guarani em suas comunidades linguísticas. Os aprendizes e falantes foram abordados pela bolsista pessoalmente em sala de aula.

### **3.3. Questionário**

Os participantes responderam a um questionário impresso no qual tiveram a oportunidade de falar sobre seus dados pessoais e profissionais, além de aspectos relacionados ao aprendizado e ao uso da língua guarani.

### **3.4. Entrevista semiestruturada**

Os participantes foram acionados para narrarem as memórias de seu processo de aprendizagem do guarani e suas experiências de uso da língua, além de terem a oportunidade de se posicionarem em relação ao papel dessa língua em suas vidas. Esses relatos em primeira pessoa foram documentados e analisados através de padrões recorrentes ou eventos

salientes analisados de forma interpretativa. O momento introspectivo para reflexão e criação das narrativas foi feito com base em perguntas abertas lidas com certa antecedência para que os participantes pudessem pensar, refletir e expressar suas ideias, sentimentos, motivos, razões, processos e estados mentais em relação à língua.

### **3.5. Metodologia de análise de dados**

O trabalho de análise das narrativas de falantes e aprendizes do guarani partiu da seleção de recortes considerados como acontecimentos discursivos, ou seja, aqueles que incluem o contexto sócio-histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente (Cf. PÊCHEUX, 2006). Portanto, conforme o autor, o discurso significativo que permite transformar o mundo em algo vivenciado e significativo. Nesse processo, a subjetividade ganha espaço, não como uma essência individual, mas como uma posição discursiva que o sujeito assume para expressar a si mesmo, suas vivências, e sua visão de mundo (Cf. TFOUNI, 2005). Em outras palavras, a subjetividade se manifesta na maneira como cada indivíduo, através da linguagem, organiza e expressa sua própria interpretação da realidade, conforme proposto por Tfouni (2005).

Segundo Pêcheux (2006, p. 17), o acontecimento discursivo reside na intersecção entre memória e presente, transitando entre estruturas pre-existentes e a singularidade do momento da enunciação. Segundo o autor, esse processo, sempre inacabado, é marcado por rupturas que o reconfiguram continuamente. Mendes *et al.* (2020) aprofundam essa ideia, diferenciando os níveis vertical e horizontal da estrutura discursiva. Enquanto o nível vertical, composto pela formação discursiva e pelo interdiscurso, garante a existência prévia de sentidos e enunciados, o nível horizontal, representado pelo intradiscurso, atualiza esses elementos na prática discursiva do sujeito. A fala, portanto, emerge da interação entre essas dimensões, combinando elementos pré-existentes e a singularidade do momento enunciativo, configurando-se como um ponto de encontro entre memória e presente (Cf. MENDES *et al.*, 2020, p. 184). Nesse sentido, o acontecimento discursivo para esses autores, é uma ruptura na memória cristalizada pelo interdiscurso, um embate entre o presente e o passado que, em vez de repetição, gera ressignificação. Esse processo instaura uma tensão: enquanto a memória busca assimilá-lo à ordem do já existente, o discurso



emergente precisa reinterpretá-lo, abrindo espaço para novos significados sem, contudo, apagar os anteriores (Cf. PÊCHEUX, 2006, p. 17)

A análise desses recortes com foco nos acontecimentos discursivos pode ser feita a partir de um conjunto de técnicas de análise das narrativas, como uma ferramenta, um instrumento de estudo capaz de oferecer meios para entender casos, analisar perguntas, e para entender problemas de diferentes áreas do conhecimento (Cf. BARDIN, 1997, p. 31). A análise desses movimentos discursivos propõe ultrapassar a incerteza e o enriquecer a leitura à medida que confirma o que se procura demonstrar nas mensagens, podendo ainda surgir outras observações que até então não eram elementos de significação do conteúdo (Cf. BARDIN, 1997).

Este estudo vai além da mera análise dos acontecimentos discursivos, empregando também a análise lexical para processar, sintetizar e categorizar o vocabulário utilizado. As palavras são organizadas em unidades de significado e em categorias, revelando uma estrutura interna e nuances importantes. Esse processo permite comparar diferentes perspectivas sobre o mesmo tema, no caso, as experiências de aprendizagem e uso da língua guarani.

Através da análise dessas categorias, são apresentados os estereótipos relacionados ao tema de maneira sistemática, examinando a percepção do grupo em diferentes níveis de detalhe. Nesse sentido, parte-se de uma visão geral para os aspectos específicos, definindo primeiro as categorias e depois organizando os dados dentro delas. A flexibilidade da análise lexical possibilita ainda a categorização sob outras perspectivas e dimensões, ampliando o escopo da investigação (Cf. BARDIN, 2009).

Com essa organização e caracterização dos dados, foi possível observar e discutir primeiro a dimensão que trata da origem do objeto, em segundo lugar, a maneira como os participantes discutem e tratam do assunto nos questionários ou nas entrevistas, ou seja, o grau de implicação de acordo com os seguintes índices:

[...] o do uso da primeira pessoa do singular referindo-se à descrição do objeto e à sua história, pelo locutor. [...] da citação pessoal do doador (exemplo: “Isto vem da minha mãe”, é significativo de uma implicação mais forte do que “isto foi-me oferecido” (BARDIN, 2009, p. 68)

Em seguida, a terceira dimensão de análise que trata da descrição do objeto de investigação. Tal fator exhibe o modelo cultural que o locutor obedece, considerando a estética, funcionalidade e valor. Considerando que para cada característica são consideradas duas polaridades (extrema e

mínima), as seguintes categorias são desenvolvidas: “Estética positiva e negativa; funcionalidade positiva e negativa, valor mercantil positivo e negativo” (BARDIN, 2009, p. 68). E por fim, a quarta dimensão de análise que trata do sentimento e a atitude do locutor perante o objeto, ou seja, os sentimentos que demonstram sua escolha ou recusa de usar a língua guarani, de acordo com o domínio, o não domínio, a criatividade, a não criatividade, a personalização, a não personalização, e outros fatores. Segundo Bardin (2009, p. 69), o domínio expressa uma relação de submissão e dominação perante o objeto (língua guarani, espanhol ou português?), a criatividade expressa a ordem intelectual de acordo com a invocação de recordações (Qual das línguas é mais vinculada aos fatores afetivos?) e a personalização envolve a maneira em que o locutor se identifica com o objeto (ou ao fato de como ele se sente como estranho perante o objeto), ou seja, como ele se identifica com a língua guarani.

#### **4. Análise de dados**

Os dados analisados a seguir advêm de um questionário e de uma entrevista realizada com 10 estudantes da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) advindos da disciplina Terceira Margem: Guarani II do curso de Mediação Cultural, Artes e Letras da UNILA. No questionário, os participantes apresentaram seus dados pessoais e a entrevista serviu de base para a construção das narrativas. Utilizamos nomes fictícios em guarani escolhidos pelos participantes para manter sua identidade privada: Guary: (lobo ou leão africano), Arami (pedaço do céu), Panambi (borboleta ou mariposa), Patchouli (folha verde), Nhandejara (o deus criador na mitologia tupi-guarani), Yra (mel), Amambay (Samambaia), Yeruti: (Paloma ou canto das aves), Guyra (pássaro) e Ysapy (orvalho).

Os participantes são de diferentes nacionalidades e tiveram contato anterior com o idioma guarani: 3 são brasileiros, 6 paraguaios e 1 colombiano. Como a maioria é paraguaio, eles têm mais fluência na língua espanhola, mas há 2 participantes cuja língua materna é o guarani. Eles são jovens, em sua maioria entre 18 e 25 anos, sendo 8 estudantes, uma educadora e uma cineasta. Em relação à formação acadêmica desses participantes, todos estão matriculados no Ensino Superior, sendo que 8 estão cursando a primeira graduação e 2 a segunda graduação.

A seguir serão apresentados os acontecimentos discursivos mais relevantes nas falas dos entrevistados que foram categorizados de acordo

com as temáticas abordadas por eles e as dimensões propostas por Bardin (2009).

#### **4.1. Aprendizagem do guarani**

Por meio de conceitos e procedimentos da Análise de Discurso, elaboramos a análise dos acontecimentos discursivos em que os participantes apresentam sua história e o processo de aprendizagem do guarani, ou seja, sua “memória discursiva” que se refere às marcas de diferentes formações discursivas na construção do discurso do indivíduo.

Com esta análise, mostramos que há formações discursivas que contribuem à ressignificação da língua e do sujeito falante nativo e do aprendiz de guarani, explicitando os sentidos de sujeito, além de compreendermos como este sujeito significa e é significado no espaço de aprendizagem (Cf. SILVA, 2007). Entre os dez participantes do estudo, três são falantes nativos do guarani. Nos trechos das narrativas abaixo eles expressam, por meio de suas memórias discursivas, orgulho de serem falantes do guarani e de terem essa língua presente em suas vidas, principalmente no âmbito familiar e os excertos trazem nuances das dimensões 1 e 2 de Bardin (2009) sobre as origens do aprendizado e seu significado.

Excerto 1:

He aprendido Guarani en casa con mis padres. [...] Pude mejorar mis conocimientos sobre el área ya que antes de hacer la materia solo sabia el Guarani Paraguayo. Dentro de la institución UNILA, pude aprender nuevos tipos de Guarani. Mi primera lengua fue el Guarani Paraguayo. [...] El Guarani es algo que bastante. Mis primeros pensamientos u opiniones dentro de mi cabeza está primero en Guarani y luego de ese idioma estoy traduciendo lo que deseo expresar, dependiendo con quien hable, ya sea un brasilerero o una persona que solo habla español. [...] Me siento orgullosa, con ganas de enseñar lo que sé a más personas. (Yeruti)

Yeruti é Paraguaia, Yeruti é Paraguaia, estudante e fala guarani, espanhol e português. No trecho da narrativa, Yeruti menciona o aprendizado do guarani em casa com seus pais, estabelecendo uma relação próxima e familiar com a língua. Ela contrapõe o conhecimento inicial “Guarani Paraguayo” com o aprendizado na UNILA “nuevos tipos de Guarani”, demonstrando ampliação do conhecimento e diversificação. Ela indica o guarani como “primeira língua”, sugerindo forte identificação e influência no pensamento e expressão. Sua memória discursiva traz à tona a relação do indivíduo com a língua materna enquanto dinâmica linguística. Ela descreve a tradução mental do guarani para outras línguas “traduciendo lo que

deseo expressar”, revelando sua fluidez em vários idiomas. A memória discursiva também evoca um relato de trajetória positiva no aprendizado e valorização da língua guarani. Ela destaca a aquisição familiar, expansão na universidade, relação íntima com o idioma e motivação para disseminá-lo.

Excerto 2:

Fue con mis abuelos, mis padres y en la escuela. Aunque recuerdo que yo sufría mucho bullying por manifestar expresamente mi preferencia hacia el Guarani y no hacia el castellano, esto se daba en una escuela católica de zona urbana. [...] Durante mi infancia el Guarani fue mi todo, pasaba más tiempo con mis abuelos y tíos en el campo donde el Guarani era primera lengua, éramos prácticamente monolingües. En mi juventud pues ya cambió el panorama por sufrir mucho prejuicio de vivir en la ciudad y querer mi comunicación netamente en Guarani, esto acompañaba el hecho de que mis papás también a veces omitan comunicarse en Guarani, mi mamá por ser maestra en escuelas urbanas y mi papá por trabajar en la función pública. Hoy yo reivindico mi lengua, intentó enseñar cómo se puede en la Universidad, por qué es necesario. [...] Siento aún mucho prejuicio y exclusión por querer recuperar mi lengua (Guyra).

Assim como Yeruti, Guyra menciona a importância da família na aprendizagem do guarani, com destaque para o papel dos avós. A escola é um ponto em comum, mas com experiências contrastantes. Para Yeruti, a UNILA proporcionou um ambiente positivo para o aprendizado e expansão do conhecimento da língua. Para Guyra, a escola católica urbana foi marcada pelo bullying e sofrimento por causa da preferência pelo guarani. Ele demonstra como o preconceito e a exclusão influenciaram a relação com a língua, especialmente na juventude. Em relação a vida adulta, ambos os participantes demonstram orgulho e desejo de defender o guarani, mas o Guyra relata ainda sentir os efeitos do preconceito e da exclusão.

As memórias discursivas apresentam diferentes perspectivas sobre o aprendizado do guarani, evidenciando a influência do contexto social e familiar nesse processo. Yeruti demonstra uma trajetória de aprendizado positiva e enriquecedora, enquanto Guyra revela as dificuldades e desafios enfrentados por quem valoriza o guarani em um contexto de preconceito.

Excerto 3:

En la casa misma, porque nosotros convivimos con el Guarani con nuestros padres, aprendimos oralmente, y en la escuela aprendimos la parte gráfica. (...) El Guarani es la lengua en la que más me identifico y en la que más me siento segura, a la hora de expresarme, siento que no puedo decir todos mis pesares o sentimientos en otra lengua que no sea en Guarani. [...] El aprendizaje del Guarani fue muy bueno, pude conocer diferentes tipos de Guarani, lo cual me hizo sentir muy feliz, por qué yo solamente pude llegar a

conocer el idioma Guaraní Paraguayo. [...] En mi infancia el idioma Guaraní interpretó todo mi ser, yo me expresaba en Guaraní con mis amigos, con mis padres, entonces, siempre influyó en mí. También en la juventud, nunca deje de hablar en mi idioma, permaneció conmigo en todo los lugares, jamás me dio vergüenza alguna por expresarse en el idioma que amo que es el Guaraní, y en la actualidad lo sigo llevando conmigo dentro de la facultad, es el idioma que siempre me acompaña incluso en las exposiciones, así mismo les traduzco para que me puedan entender. [...] Me siento muy feliz de poseer esta lengua que permaneció con la oralidad y hace parte de la historia por la batalla que tuvieron los aborígenes para conservar el idioma Guaraní (Amambay).

Amambai también menciona a convivência familiar com o idioma, evidenciando a transmissão oral como base do aprendizado e a escola como o local que traz o complemento da habilidade escrita (aprendizado pela experiência vs. aprendizado formal). O guarani é a língua com a qual ela mais se identifica e se sente segura para se expressar. Na universidade, o contato com diferentes tipos de guarani enriquece e amplia a relação com a língua. O guarani permeia toda a trajetória dela, desde a infância até a vida adulta, presente em diferentes contextos e relações sociais. Ela também demonstra o sentimento de orgulho por dominar o guarani e o reconhecimento da importância da luta pela sua preservação.

As falantes nativas Yeruti, Guyra e Amambay trazem seu discurso marcado pelo enfrentamento ao bullying e ao preconceito linguístico atravessado por sentimentos, emoções e pelo desejo de reivindicar o direito ao uso do guarani e de compartilhá-lo com outros povos. O sujeito falante nativo de guarani, demonstrado nesses acontecimentos discursivos, parece se constituir por gestos de resistência e sentimentos de orgulho dentro desse discurso. Há a memória discursiva que estabelece uma oposição entre o passado, que se refere ao guarani que era falado em casa antes da entrada na escola (o espaço para aprender outras línguas ou outros tipos de guarani) ou da saída do campo para o meio urbano e o presente, que se refere a atualidade após outras experiências linguísticas (a presença do urbano nas interações com outras pessoas ou da universidade).

Esta relação espaço temporal é marcada pela persistência, resistência e prevalência do uso do guarani e são justificadas pelos participantes que afirmam terem orgulho, com o desejo de reivindicar, usar e ensinar o guarani nas escolas e universidades. Além disso, a memória discursiva da infância e da juventude reverberam um sentimento de gratidão àqueles que vieram antes e que os ensinaram essa língua. Para eles a língua é bonita, transmite sentimentos mais profundos pelo léxico e empodera os falantes

do guarani. O guarani é visto como parte fundamental da sua identidade e ferramenta de expressão autêntica.

Esse processo de permanência e de transmissão intergeracional da língua materna é discutida por Appel e Muysken (1996) em três âmbitos: do patrimônio, da paternidade e da fenomenologia. Esses âmbitos se referem aos sentimentos de continuidade e são marcados por manifestações de identidade linguístico cultural como fatores importantes na manutenção das línguas minoritárias. Calazans (2014) aponta que a especialização do uso (na zona urbana, na escola, na universidade), demonstra que o guarani não é só transmitido de geração em geração, como também é a língua de comunicação em ambientes domésticos e desta forma há o que Weinreich (1970) denomina como bilinguismo simultâneo em que duas línguas são aprendidas ao mesmo tempo durante a infância, no caso o guarani e o espanhol ou o guarani e o português.

Os aprendizes do guarani não nativos, independentemente de possuírem muita ou pouca familiaridade com a língua, também se mostram respeitosos e demonstram entender a importância desta língua como sinônimo de resistência, de apropriação e por compreendem o caminho que estão trilhando ao aprender uma língua que é potente, viva e que ensiná-la a mais pessoas ao seu redor é indispensável para a preservação da mesma (Cf. SILVA, 2007). Estes aprendizes são falantes de português e espanhol e todos demonstram reconhecer a relevância do guarani, o impacto que a língua tem nas relações de comunicação e principalmente na preservação das comunidades de falantes nativos (Excertos 4-10).

Excerto 4:

[...] a experiência está sendo muito boa, tenho dificuldades, mas estou bem interessado. Sei que a proposta de aprendizagem do Guarani é inovadora. Agradeço pela oportunidade que a UNILA proporciona, por esse motivo, me sinto privilegiado. Não apenas por aprender o Guarani como língua, mas todo o contexto cultural em que as comunidades estão envolvidas. Sou estudante de Antropologia, e me interesso pela área da etnologia indígena, área do pensamento antropológico que busca entender as relações sociais, e cultura dos povos indígenas. Como futuro antropólogo latino-americano, tenho um dever político com a construção do conhecimento, é por meio disso que podemos contribuir para o desenvolvimento social. O Guarani, pode ser o ponto central para uma produção crítica do pensamento, visto que, entendendo o idioma, os relatos antropológicos podem ser mais fidedignos à realidade, assim, diminuindo os impactos negativos nas comunidades (Guary).

Excerto 5:

Falar Guarani é importante para desconstruir estereótipos, fortalecer o ensino do Guarani em diversas comunidades (Aramy).

Excerto 6:

Ainda estou como iniciante e tem sido bastante interessante entender a língua Guarani (Patchouli).

Excerto 7:

Lo que he aprendido hasta ahora ha sido relacionando los términos a la visión cosmogónica de los pueblos Guarani, entonces intentar reconocer mediante el lenguaje las visiones del mundo ha sido la forma que intento aprender Guarani. Lo que he aprendido hasta el momento fue gracias a la clase 1 y 2 de Guarani (Yra).

Excerto 8:

Soy fluente en el Español y en el Portugués, pero puedo comunicarme en Ucraniano (al ser mi lengua materna), tengo un nivel básico de inglés y entiendo bastante bien el Guarani, pero me cuesta hablarlo. Tuve clases de Guarani durante toda mi educación primaria y secundaria, pero siempre fue una educación repetitiva y poco dinámica en donde las clases se basaban en mucha gramática y prácticamente no se aprendía mucho sobre el idioma y sobre cómo utilizarlo y hablarlo. Al ser de una familia descendiente de extranjeros de origen europeo, en mi casa no se utilizaba el Guarani por lo que no lo sé hablar y lo que entiendo lo conseguí aprender escuchando a gente hablar y un poco del vocabulario básico lo aprendí en la escuela y en el colegio (Isapy)

Excerto 9:

Eu só comecei a aprender Guarani direito depois da minha família mudar para uma comunidade rural quando eu tinha 8 anos, então eu precisei aprender para me entender com as crianças, mas não me sinto com a mesma confiança nesta língua quando falo com pessoas que falam muito bem mesmo em Guarani (Nhandejara).

Excerto 10:

En mi familia es muy fuerte siendo fue primer idioma de mis padres, antes de los 10 años casi todos sus mandamientos fueron en Guarani. Bueno, desde la primaria le dábamos Guarani en clase pero la enseñanza en escuelas aún no es tan buena porque la disciplina en sí aún es nueva. El aprendizaje fue muy escaso, mayormente me hablaban en Español sólo cuando entre en la secundaria lo fui estudiando un poco más de cerca. Me encanta cuando estoy con mis padres, quienes su primer idioma es el Guarani, me enseñan palabras o frases del idioma (Panambay)

Eles expressam o sentimento de orgulho de aprender essa língua originária, reconhecida não só como ferramenta de comunicação, mas como meio de resistência. Para Appel e Muysken, (1996), a língua é geralmente valorizada por questões sociais, subjetivas ou afetivas por pessoas orgulhosas de sua cultura minoritária, como forma de lealdade linguística, o que reflete nas relações entre a língua e a identidade social dos

grupos etnolinguísticos e este sentimento é transmitido intergeracionalmente. Neste caso, não só a família, mas também a escola tem um papel importante nesse processo.

Outro ponto de observação é relacionado ao uso da letra maiúscula para se referir ao guarani e essa marcação como nome próprio, e não como um substantivo comum pode revelar a conquista da identidade linguística do povo originário. Cada um dos relatos demonstra uma conexão pessoal e cultural com o idioma. Há também uma clara valorização da língua guarani como parte essencial da herança cultural e da identidade dos povos originários. A contextualização do aprendizado da língua guarani em relação às visões do mundo e à cosmogonia dos povos guarani destaca a importância de entender a língua dentro de seu contexto cultural mais amplo.

Além disso, as diferentes perspectivas destacam a diversidade de experiências e motivações individuais para o aprendizado do guarani, mostrando como esse processo é coletivo e está conectado a aspirações identitárias, preocupações políticas e desejo de respeito e apropriação cultural responsável, conforme apresentado anteriormente na dimensão 3 de Bardin (2009). A língua para eles não é apenas uma ferramenta para a comunicação, mas também um veículo para preservar e fortalecer a cultura indígena e desafiar estereótipos negativos. Desta forma, as narrativas apresentam um quadro rico e complexo das experiências individuais e coletivas em relação ao aprendizado do guarani e seu significado político, cultural e social.

## **5. Considerações finais**

Esta pesquisa analisou movimentos discursivos em narrativas de falantes e aprendizes da língua guarani. Os resultados trazem à baila a discussão dos fatores implícitos aos processos de aprendizagem, os desafios do uso da língua no contexto escolar e na comunidade e apontam fatores que favorecem a vitalidade linguística do guarani.

As memórias discursivas acionadas nas narrativas sobre o aprendizado do guarani são ricas em informações e permitiram uma análise aprofundada das diferentes formas como a língua se manifesta na vida dos participantes. A discussão dos excertos das narrativas revela a importância da família, da escola, da universidade e do contexto social nesse processo, além dos desafios para a revitalização e manutenção do guarani em um contexto de preconceito e exclusão. Ao acionar as memórias na



comunidade de fala, ocorreu a busca pelo espaço de memória, que invocou saberes dos ancestrais que se constituíram como resistência e reafirmação da identidade dos falantes e aprendizes (Cf. COLAÇA, 2015; DUNCK-CINTRA, 2015). Nessa perspectiva, os resultados abrem precedentes para a valorização do conhecimento que circula entre os membros de uma etnia, o que reforça a tradição do povo como um elemento importantíssimo na educação escolar (Cf. COUTO, 2007).

Os marcadores temporais, presentes na narrativa, parecem funcionar como marcas dessas memórias, o que demonstra uma posição de verticalização (hierarquização) dos sujeitos, naquele momento histórico e político: o sujeito não falante em relação ao sujeito “nativo” falante do Guarani. Os sistemas de saberes dos povos originários se comportam como mapas de memórias que se convergem em revelações, ensinios, costumes, tradições do uso do guarani e essas memórias acionadas e reverberadas nas narrativas tratam-se de formas de conhecimento cujo espaço principal de referência do guarani é a comunidade (Cf. COUTO, 2007; COLAÇA, 2015). Compreende-se que, quando é acionada a língua que está na memória familiar antigos, vêm à tona as vivências que levaram à criação daqueles significados, daquilo que os constituiu como falantes ou aprendizes do guarani. Por isso, a memória individual e coletiva é importante (Cf. CALAZANS, 2014). Ela fortalece a identidade e revitaliza o uso da língua guarani dentro da região e por isso, precisamos cada vez mais de pessoas que estejam dispostas a ouvir e a compartilhar suas histórias, para que não deixem suas raízes caírem no esquecimento.

Pesquisas narrativas adicionais são necessárias para entender melhor a questão da ancestralidade e da relação dos falantes do guarani com a tradição como fatores da manutenção da vitalidade linguística, conforme aponta Weinreich (1970).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPEL, Rene. MUYSKEN, Pieter C. *Bilinguismo Y contacto de lenguas*. Trad. de Anxo M. Lorenzo e Clara I. Bouzada Fernández. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

BARDIN, Laurence. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAM, Helena Coharik; SOUSA, Cintia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. Histórias de vida e

autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 385-410, São Paulo, 2006.

CALAZANS, Poliana Claudiano. *Para uma Sócio-história da Língua Guarani no Espírito Santo: uma análise sob a perspectiva sociolinguística*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2014, 171 p.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Trad. do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250p.

COLAÇA, Joyce Palha. *O Guarani como língua oficial e a promoção de um bilinguismo imaginário no Paraguai*. Tese. (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2015. <https://1library.org/document/y6223o5z-guarani-como-lingua-oficial-promocao-bilinguismo-imaginario-para-guai.html>.

COUTO, Hildo. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

DUNCK-CINTRA, Ema Marta Dunck. *Vozes silenciadas: situação sociolinguística dos Chiquitano no Brasil – Acorizal e Fazendinha, MT*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. A escola como comunidade de fala que vitaliza o povo indígena chiquitano. *Via Litterae Anápolis*, v. 7, n. 1, p. 31-45. jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/>. Acesso em: 22/03/2024.

LABOV, William. 2001. *Principles of Linguistic Change; social factors*. Oxford: Blackwell.

LOPES, Danielle Bastos; PONTES, Paloma de Araújo. O ensino de Guarani nas escolas paraguaias e a questão do bilinguismo diglósico: uma interlocução com Bartomeu Melià. *Tellus*, ano 22, n. 49, p. 173-86, Campo Grande-MS, set./dez. 2022. DOI: [hΣ p://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i49.882](https://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i49.882).

MENDES, Conrado Moreira; SOUZA, Jocyare; SILVA, Sueli Maria Ramos da. A noção de acontecimento à luz da Análise do Discurso, da Semântica do Acontecimento e da Semiótica Tensiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 20, n. 1, p. 179-95, Tubarão-SC, jan./abr. 2020.

OLIVEIRA, Pablo Menezes e. *Projeto submetido à Pró Reitoria de Extensão do IFMG para a construção do centro de memória institucional*, em 2019.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 2006. p. 17

PERES, Edenize Ponzo; COMINOTTI, Katiuscia Sartori Silva; PARDINHO, Valdete da Macena. O ditongo nasal ão em São Bento de Urânia (ES). *PAPIA*, v. 28, n. 1, p. 83-107, São Paulo, Jan-Jun, 2018.

PIERRI, Aloir Pacini, PIERRI. CALAZANS, Daniel. O precível e o imprecível: Reflexões Guarani Mbya sobre a existência. *Anuário Antropológico [Online]*, v. 43, n. 2, 2018, posto online no dia 26 maio 2019, consultado o 29 abril 2022. URL: <http://journals.openedition.org/aa/3371>. <https://doi.org/10.4000/aa.3371>.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia: para compreender a experiência humana. *Anais... XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq*. Centro Universitário Ritter dos Reis. 19 a 23 de outubro de 2015.

SILVA, Maria Sueli Ribeiro da. Gestos de Leitura: uma análise discursiva sobre a língua dos índios kaingang do Oeste Paulista. *Anais do 16º Congresso de Leitura*, 10 a 13 de julho de 2007. UNICAMP, v. 1, p. 1-6, Campinas, 2007. Disponível em: [https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss03\\_07.pdf](https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss03_07.pdf). Acesso em: 02/02/2024.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2005.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILLALVA FILHO, Mário Ramão. *Educomunicação, Língua-Cultura Guarani, Sustentabilidade e Teko Porã: Myasãimbo'e, Avañe'ẽ Ayvu-Arandu, Ñeñangareko ha Bom Viver*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável do Centro de Ciências Agrárias da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2020, 231p.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. 9. ed. Mouton de Gruyter, 1970.